

Livro e prisão: o caso *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós

Sandra Reimão

RESUMO

Esse artigo aborda a prisão do escritor Renato Tapajós, em 1977, motivada pela publicação de seu livro *Em câmara lenta*. Trata-se do único caso de um escritor preso durante a Ditadura Militar devido ao conteúdo de um livro. Trata-se mesmo de um caso único na história recente do País da prisão de um autor devido a um romance. Busca-se entender a especificidade desse processo e seu lugar na história do livro no Brasil. Defende-se a idéia de que a prisão de Renato Tapajós deu-se como uma tentativa de ação preventiva das forças da repressão à publicação de livros de memórias de militantes de esquerda.

PALAVRAS-CHAVE: Renato Tapajós. Censura. Ditadura militar. Década de 1970.

O livro *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós, foi publicado em maio de 1977 pela editora Alfa-Ômega. O livro, autobiográfico, relata a participação do autor na guerrilha urbana durante a década de 1960 e discute essa opção política. O autor, preso entre agosto de 1969 e setembro de 1974, redigiu o livro em 1973, depois de saber da morte, na prisão, da ativista de esquerda Aurora Maria Nascimento Furtado. (RIDENTE, 2000, p.154).

Em 27 julho de 1977, ao sair do trabalho, na Editora Abril, Renato Tapajós foi preso novamente, pela segunda vez, por agentes do DEOPS (Polícia Civil do Departamento de Ordem Política e Social), pois o livro, segundo ofício do delegado Sergio Fernando P. Fleury, violava a Lei de Segurança Nacional por ser “uma apologia do terrorismo, da subversão e da guerrilha em todos os seus aspectos”. (SILVA, 2008, p.14)

O impacto da notícia da prisão – caso único de autor preso durante a Ditadura Militar por causa do conteúdo de um livro e o espanto do fato dar-se no momento do início de um processo de abertura política “lenta, gradual e segura” – gerou uma grande mobilização da imprensa e da sociedade. Quase todos os dias, jornais, tanto da grande imprensa quanto da imprensa alternativa, publicaram matérias protestando contra o caso. No dia 09 de agosto, o jornal *O Estado de S. Paulo* noticiou e a *Folha de S. Paulo* publicou o texto (não as assinaturas) de um abaixo-assinado (com 800 signatários) protestando publicamente contra a prisão. Além disso, a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo recebeu um grande número de cartas (13 em português, 2 em espanhol e 25 em inglês) especialmente de membros da organização Anistia Internacional, protestando contra a prisão de Tapajós. (SILVA, 2008) O autor foi solto em 23 de agosto de 1977.

Memórias de lutas

Cronologicamente, *Em câmara lenta*, publicado em 1977, é o primeiro texto de memórias de ex-militantes políticos da década de 1960. A partir do fim da vigência do Ato Institucional número 5, AI-5, em 31 de dezembro de 1978, e da Lei da Anistia, em 28 de agosto de 1979, começa a surgir uma série de livros-depoimentos sobre o tema.

Em câmara lenta é o “primeiro livro de memórias, um romance, fruto de um militante ativo do período de desenvolvimento e fim das ações armadas e da guerrilha urbana”, especifica Mário Augusto Medeiros da Silva, no livro *Os escritores da guerrilha urbana*. Literatura de testemunho, ambivalência e transição política (1977-1984).

Entre as memórias dos militantes de esquerda que apareceram em forma de livro no final da década de 1970 destacam-se, *Os Carbonários*, de Alfredo Sirkis, e o grande impacto e sucesso editorial *O que é isso companheiro?*, de Fernando Gabeira – títulos que se destacam entre aqueles que integram a vertente à esquerda da memorialística que “foi, de algum modo, a primeira tentativa de construção de uma narrativa histórica sobre o período”. (FICO, 2004, p.31)

O que é isso companheiro? que tem como sub-título a denominação *depoimento*, é a fala da memória modificada pelo tempo e pelo trabalho de elaboração do texto. Ziraldo, nas abas do livro salienta esse último aspecto: “Eu me pergunto se este livro é um romance, se é um livro de memórias, se é um *causo* muito grande contado por uma testemunha ocular e atenta de sua própria história”. Ziraldo conclui: “Seja o que for, ele é escrito com a maestria de um experimentado romancista, um escritor de palavras precisas e adjetivos exatos, enxuto”. Mais adiante, reforçando a tese, Ziraldo afirma: “Fernando Gabeira é um jornalista, foi um guerrilheiro, é um político atuante e lúcido, um possível líder sereno e incisivo. Mas, ao final deste livro o leitor vai descobrir que, mais do que tudo isso, - aqui e agora – Fernando Gabeira é um escritor”.

Em *Gavetas Vazias – ficção e política nos anos 70*, Tânia Pellegrini defende a idéia de que o caráter referencial de memória vivida é um atributo central para subsidiar explicações do sucesso de vendas de *O que é isso companheiro?* Pois, segundo Pellegrini, “O ouvinte dessa fala (o leitor desse relato) a ela se prende desde o início e, ouvindo-a, tem a impressão de enveredar por um caminho proibido, que leva à verdade antes censurada. É a aventura da transgressão”. A transgressão narrada é partilhada pelo leitor, que se torna cúmplice da mesma, no ato de leitura: “É a aventura da transgressão, duplamente colocada: do autor, enquanto executor de ações contra o regime, e do leitor, co-participe, cúmplice pelo ato de leitura: Nessa simbiose, a explicação do sucesso do livro”. (PELLEGRINI, 1996, p. 36-37)

Em 1979, o livro *O que é isso companheiro?*, publicado pela editora Codecri do Rio de Janeiro, vendeu 80 mil exemplares (HALLEWEL, 2005, p. 596). Até o momento, segundo informações da Companhia das Letras, atual editora do livro, em seu endereço eletrônico, já teve mais de 40 edições e já foram vendidos mais de 250 000 exemplares.

Alfredo Sirkis, em *Os Carbonários*, livro de não-ficção, relata sua transformação, entre 1967 e 1971, em militante guerrilheiro urbano, aos 19 anos, sob o codinome Felipe. No prefácio da edição de 1998, republicado na edição de 2008 da Editora BestBolso, o autor afirma “não me desconforta esse passado,

também não me enaltece” e salienta que “seu inventário de cicatrizes é relativamente brando, que se resume à dor da perda de alguns queridos companheiros”, pois, detaca: “Nos anos de chumbo tive a tríplice felicidade de sobreviver, não ter sido capturado e seviciado e não ter matado ninguém”.

O que é isso companheiro? e *Os Carbonários* ganharam o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, CBL, na categoria biografia em 1980 e 1981, respectivamente.

Os Carbonários, de Alfredo Sirkis, juntamente com *1968 – o ano que não terminou*, de Zuenir Ventura, serviram de base para a minissérie da TV Globo *Anos Rebeldes*, exibida de 14 de julho a 14 de agosto de 1992. *Anos Rebeldes* foi exibida no momento em que se iniciava no País a mobilização pela instauração do processo de *impeachment* do Presidente Collor de Mello, acusado de corrupção, e muitas pessoas estabeleceram “de imediato uma relação de causa e efeito entre *Anos Rebeldes* e os fatos que resultaram na onda de manifestações estudantis que redundaram no impeachment de Fernando Collor”. (LOBO, 2000, p. 325)

Sobre o fato de a *Rede Globo*, emissora tida, na década de 1970, como porta-voz da Ditadura Militar, com a minissérie *Anos Rebeldes*, tematizar, pela primeira vez, diretamente, fatos históricos dos anos 1960 e 1970, o jornalista Luis Antonio Girón, perguntou “terá mudado a Globo ou o passado se adequou às suas necessidades?” e respondeu: “Ambas as opções não são incorretas. A Globo é uma senhora que anda mais tolerante com a realidade. O ‘perigo comunista’ acabou e não há motivos de sobressaltos com golpes. A senhora alivia a tensão ancestral no trabalho de marketing político na ficção”. (apud LOBO, 2000, p.296)

O que é isso companheiro?, de Fernando Gabeira, e *Os Carbonários*, de Alfredo Sirkis, não tiveram problemas com o Departamento de Censura Federal nem com qualquer outra instância dos órgãos censórios.

Renato Tapajós foi, pois, o único caso de autor preso durante a Ditadura Militar devido ao conteúdo de um livro. Outros escritores foram presos no período devido a textos, mas eram textos publicados em jornais ou revistas. Lembremos, por exemplo, que quase todos os integrantes do periódico *O Pasquim* foram presos no final de 1969.

Antonio Candido observou, em 1972, que durante a Ditadura Militar o controle sobre os meios de comunicação se dava em função do público atingido:

O atual regime militar do Brasil é de natureza a despertar o protesto incessante dos artistas [...] e seria impossível que isto não aparecesse nas obras criativas [...]. Por outro lado, este tipo de manifestação é extremamente dificultado pelo regime, que exerce um controle severo sobre os meios de comunicação. Controle total na televisão e no rádio, quase total nos jornais de maior circulação, muito grande no teatro e na canção; nos livros e nos periódicos de pouca circulação a repressão é mais branda, porque em razão direta do alcance dos meios de comunicação. (CANDIDO, 1979, p.25)

Anteriormente a Renato Tapajós, Monteiro Lobato foi preso, em 1941, por acusações relativas ao conteúdo de um de seus livros: o livro em pauta era *A questão do Petróleo*.

Em câmara lenta – censura ao livro, prisão do autor

A primeira e a segunda edições de *Em câmara lenta* são providas de uma impactante capa criada por Moema Cavalcanti. Uma seqüência de três fotogramas como se fizessem parte de um rolo de filme e em cada um deles, em extremo close-up, uma boca: lábios sorrindo; lábios entreabertos; lábios com um fio de sangue. Esses lábios estão desenhados com um traço preto simples e grosso. O fundo é branco. O nome do autor e da editora e também estão impressos em preto, com letras retas. Quebrando a relação branco/preto, o título e o sangue, em vermelho.

O traçado preto no fundo claro lembra capas em xilogravura de cordéis nordestinos; a seqüência de três bocas repetidas faz referência ao universo do cinema, presente no título, também faz ressoar os quadros da década de 1960 de Andy Warhol assim como cartazes cinematográficos e publicitários. O vermelho e o sangue dão novos significados a essas referências e introduzem o Brasil da Ditadura.

A boca que sorria, saberemos depois, era de Aurora Maria Nascimento Furtado, morta em uma sessão de tortura. A narrativa se desenvolve em dois eixos – presente e passado – e em vários blocos temporais distintos – memórias de distâncias variadas. Entre esses blocos e ao mesmo tempo completando-os a cena da prisão e da tortura de Aurora Furtado vai se repetindo como uma imagem-refrão e vai se completando. Enquanto estava preso, Renato Tapajós enviava os originais, clandestinamente, em pequenos retalhos de papel, pelas visitas que recebia. Quando saiu da prisão procurou várias editoras antes de acertar a publicação pela Alfa-Ômega.

A publicação de *Em câmara lenta* dá início a uma seqüência de fatos surpreendentes. Nessa cronologia utilizamos como fonte os já citados livros de Marcelo Ridenti e Mário Augusto Medeiros da Silva e entrevistas concedidas pelo editor Fernando Mangarielo à autora em julho de 2008. Sinteticamente:

- a) **maio de 1977**: evento de lançamento de *Em câmara lenta* em São Paulo, Pinheiros, na Rua Lisboa em uma galeria de arte que também faz molduras. Venda de cerca de 800 exemplares no período do lançamento;
- b) **13 de julho de 1977**: resenha na revista *Veja* sobre *Em câmara lenta*;

- c) junho e julho de 1977:** artigos no *Jornal da Tarde* sobre o livro. Em entrevista a Marcelo Ridenti, Renato Tapajós afirma que acredita que foi através desses artigos que o Coronel Erasmo Dias atentou para *Em câmara lenta*. Agradeço a Marcelo Ridenti o envio da transcrição integral da entrevista. Mário Medeiros atribui essa função à resenha publicada na *Veja*;
- d) 18 de julho de 1977:** delegado Sergio F. P. Fleury encaminha à Secretaria do Estado dos Negócios da Segurança Pública ofício em que afirma que *Em câmara lenta* inflige a Lei de Segurança Nacional;
- e) 21 de julho de 1977:** Secretaria do Estado dos Negócios da Segurança Pública emite documentação confidencial informando sobre o livro;
- f) 27 de julho de 1977:** prisão de Renato Tapajós por ordem do Coronel Erasmo Dias;
- g) 30 de julho a 30 de agosto de 1977:** grande mobilização da imprensa, dos intelectuais e de diversas organizações com manifestações de repúdio pela prisão de Renato Tapajós;
- h) 03 de agosto de 1977:** depoimento dos editores Fernando e Claudete Mangarielo, sendo que Fernando Mangarielo ficou preso dois dias;
- i) 09 de agosto de 1977:** manifesto abaixo-assinado de intelectuais em apoio a Renato Tapajós;
- j) 08 de agosto de 1977:** Ministério da Justiça proíbe a publicação e circulação do livro *Em câmara lenta*;
- k) 23 de agosto de 1977:** Renato Tapajós deixa a prisão;
- l) 30 de setembro de 1977:** Procurador apresenta denúncia ao Ministério Público contra o escritor por incitação à subversão;
- m) 25 de outubro de 1977:** início do julgamento do autor;
- n) março a abril de 1978:** desenvolvimento do processo. O julgamento contou com parecer técnico do Prof. Antonio Cândido de Mello e Souza que se encerra da seguinte maneira: “Resumindo para concluir: em qualquer nível que me coloque, sou levado a negar que “Em câmara lenta” constitua um inventivo ou sequer um mero exemplo de atividade subversiva. E se fosse necessário extrair dele uma lição, como dos velhos romances alegóricos, eu concluiria que é, antes, o contrário”;
- o) 26 de abril de 1978:** O Conselho Permanente de Justiça absolve Renato Tapajós;
- p) outubro de 1978:** Supremo Tribunal Militar absolve Renato Tapajós;

q) 17 de março de 1979: Armando Falcão, em seu último ato como Ministro da Justiça, libera a publicação e a circulação em todo território nacional do livro *Em câmara lenta*.

Essa seqüência de fatos relativos ao escritor Renato Tapajós e ao livro *Em câmara lenta* constitui “um dos casos mais extraordinários de arbitrariedade, abuso de poder e, até mesmo, disputas de leituras e visões de mundo a partir de uma mesma obra, conhecidos nas histórias política e literária contemporâneas”, salienta Mário Augusto Medeiros da Silva (2008, p.158). Marcelo Ridenti (2000, p.155) sintetiza “foi uma operação inusitada da ditadura, já sob o governo Geisel: prendeu o autor e só veio a censurar o livro depois”.

Na Editora Alfa-Ômega

A Editora Alfa-Ômega foi fundada em Pinheiros, São Paulo, em 1973, por Fernando e Claudete Mangarielo e está “há 35 anos publicando o pensamento crítico brasileiro”, como diz seu lema. Seu foco de atenção recai sob: história, sociologia, política, filosofia, economia, clássicos do marxismo, pluralismo jurídico, literatura brasileira e literatura estrangeira. Nos seus primeiros três anos de existência, a Alfa-Ômega publicou 30 títulos. A Editora já publicou 583 títulos e atualmente (2008) conta com um catálogo de mais de 200 títulos. Nos últimos 12 anos, a editora Alfa-Ômega, que na década de 1990 conheceu um grande rebaixamento de vendas, investe fortemente na internet como grande ferramenta editorial e planeja se mudar para uma sede maior na cidade de Cotia.

Antes de publicar *Em câmara lenta*, Fernando e Claudete Mangarielo tinham publicado *A Ilha*, de Fernando Moraes, texto sobre Cuba, fato que sublinha a direção dos editores em publicar livros politicamente engajados.

Fernando Mangarielo comentando sua atuação como editor na década de 1970 atribui, em parte, sua coragem em criar uma editora “de resistência e independente” à sua juventude, “ao seu apetite voraz de jovem” que o fez “atrelar-se aos valores de minha geração” e a também a uma resistência em relação à auto censura dos editores: “Havia uma auto-censura dos editores, porque uma edição sendo pega desmontava financeiramente uma empresa”.

Nos primeiros anos, relata Mangarielo, preventivamente, o estoque de cada um dos títulos já saía da gráfica, estrategicamente, dividido em três blocos: mil exemplares eram enviados para a sede da editora que só ficava com uns 100 exemplares e já enviava os outros para as livrarias; dois mil exemplares iam para outro lugar: “era uma coisa importante na minha geração a estratégia e a tática do *vietcong*, eu dividia em três partes, porque a ação quando pegava tudo...(gerava um grande prejuízo)”.

Durante todo o desenrolar da prisão de Renato Tapajós, em 1977 e da discussão do caso de censura ao livro *Em câmara lenta* não houve nenhuma busca e apreensão de livros na sede da editora, confirma Fernando Mangarielo. Aconteceram algumas apreensões do livro de Tapajós em livrarias,

[...] alguns livros foram apreendido nas livrarias [...] o livreiro mandou uma cópia do auto de apreensão e deduzimos da duplicata que ele tinha a pagar [...] lá de Salvador e outro de Recife [...] mais ou menos uns trezentos livros, dez por cento da primeira edição foi pega de forma fragmentária ao longo de todo território.

O editor Fernando Mangarielo em momento nenhum pensou em recolher o livro, pois “eu não fazia parte daquele coro de caixa de ressonância ao discurso oficial” e quando a censura oficial chegou a primeira edição já estava esgotada. Houve uma segunda edição.

Tecendo os fios

Em 02 de agosto de 1977 o advogado Raimundo Faoro manifestou sua indignação com o arbitrário da prisão de Renato Tapajós: “é espantoso que havendo Censura Federal, com poderes draconianos, poderes de verificação prévia – segundo uma lei que reputamos inconstitucional mas que está em pleno vigor – a polícia estadual interfira e repute subversivo um livro que à Censura Federal não causou nenhuma impressão negativa”. (SILVA, 2008, p.149)

O inusitado do fato da prisão de um autor por causa do conteúdo de um livro, um mês e tanto antes da censura do próprio livro, também foi salientado no já citado abaixo-assinado de apoio e de solicitação de soltura de Renato Tapajós, publicado em 9 de agosto: “Pela primeira vez no Brasil, um autor é preso porque o conteúdo de seu romance, editado e vendido legalmente, foi considerado subversivo pela autoridade policial”. Lembremos que o livro de Monteiro Lobato que gerou sua prisão, *A questão do Petróleo*, não era um romance.

Uma frase do parecer do delegado Alcides Singillo, do DEOPS de São Paulo, sobre o livro talvez possa dar alguma racionalidade ao arbítrio dessa prisão. Citando: “outro aspecto a ser abordado é que o livro ‘EM CÂMARA LENTA’ seja nada menos que o embrião de uma nova modalidade de ataque e calúnias aos Governos, disfarçada por uma casca literária”. (SILVA, 2008, p.152). Essa frase do parecer reflete o temor das forças da repressão frente ao início do processo de abertura - eles temiam uma ‘onda’ de memórias recentes dos militantes da esquerda, o que realmente veio a acontecer.

A publicação de *Em Câmara lenta*, em 1977, antecede cronologicamente a outras memórias da guerrilha. Se destacarmos o trecho do parecer do delegado Singillo acima citado, então não podemos deixar de concluir que as manifestações de repúdio à prisão do autor e sua absolvição tornaram politicamente possível que as demais publicações do gênero vicejassem sem problemas maiores.

Book and prison: the case of *Em câmara lenta*, by Renato Tapajós

ABSTRACT

This paper aims to examine the arrest of Renato Tapajós in 1977 motivated by the publication of his book *Em câmara lenta* (In Slow Motion). It is the only case of a writer being arrested during the military dictatorship because of the content of a book. Besides, it is the only case in the recent history of Brazil of an apprehension because of a novel. We try to understand the peculiarity of this process and its place in the book history in Brazil. We argue for the idea that Tapajós's arrest occurred as an attempt by the repression powers to prevent the publication of Left militants' memory books.

KEYWORDS: Renato Tapajós. Censorship. Military dictatorship. The 1970's.

Libro y prisión: el caso *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós

RESUMEN

Este artículo aborda la prisión del escritor Renato Tapajós, en 1977, en razón de la publicación de su libro *Em câmara lenta* (En cámara lenta). Se trata del único escritor brasileño preso durante la dictadura militar por el contenido de un libro. Se trata mismo del único caso, en la historia reciente de Brasil, de la prisión de un autor en razón de una novela suya. En este artículo, se busca entender la especificidad de ese proceso y su lugar en la historia del libro en Brasil. Se defiende la idea de que la prisión de Renato Tapajós se dio como un intento de acción preventiva de las fuerzas de represión a la publicación de libros de memorias de militantes de izquierda.

PALABRAS CLAVE: Renato Tapajós. Censura. Dictadura militar. Década de 1970.

Referências

CANDIDO, Antonio. A literatura brasileira em 1972. **Arte em Revista**, São Paulo, ano 1, n. 1, CEAC Centro de Estudos de Arte Contemporânea, jan./mar. 1979.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 4, n. 47, 2004.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

LOBO, Narciso. **Ficção e política**: o Brasil nas minisséries. Manaus, Valer, 2000.

PELLEGRINI, Tânia. **Gavetas vazias**: ficção e política nos anos 70. São Carlos, SP: EDUFSCar, Mercado de Letras, 1996.

RIDENTI, Marcelo. **Em busca do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **Os Escritores da guerrilha urbana**. Literatura de testemunho, ambivalência e transição política (1977-1984). São Paulo: Fapesp/Annablume, 2008.

Sandra Reimão

Professora na Faculdade de Comunicação / UMESP

Pesquisadora / CNPq

E-mail: sandrareimao@uol.com.br

Recebido: 24/06/2009

Recebido e avaliado
pela Comissão Editorial

